

## ESPOSAS PARA O CONSUMO NOSTALGIA, DISCURSO E IDEOLOGIA DO MOVIMENTO #TRADWIFE

### WIVES FOR CONSUMPTION NOSTALGIA, DISCOURSE AND IDEOLOGY OF THE #TRADWIFE MOVEMENT

Adille Rigoni Massimini <sup>1</sup>

#### Resumo

O presente artigo explora o movimento *#TradWife* enquanto um fenômeno discursivo, ideológico, semiótico e para consumo, a partir das ideias de Yuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Mary Douglas & Baron Isherwood. Através de uma análise semiótica, apoiada nas ideias de Yuri Lotman, aliada à intericonicidade de Nilton Milanez, do perfil do Instagram de Hannah Neeleman, identificada como @BallerinaFarm, este artigo mapeia como o discurso religioso permeia o conteúdo de Hannah Neeleman, dialogando com imagens históricas da migração dos pioneiros Mórmons para o Oeste dos EUA, resgatando uma nostalgia diferente da que costumamos encontrar em outros perfis de influenciadoras do movimento *#TradWife*.

#### Palavras-chave

Mórmons; Movimento *#TradWife*; Semiótica; Discurso; Nostalgia.

#### Abstract

This article examines the *#TradWife* movement as a discursive, ideological, semiotic, and consumption-oriented phenomenon, drawing on the ideas of Yuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, and Mary Douglas and Baron Isherwood. Through a semiotic analysis grounded in Yuri Lotman's theory, combined with Nilton Milanez's concept of intericonicity, and focusing on the Instagram profile of Hannah Neeleman, known as @BallerinaFarm, this study maps how religious discourse permeates her content. It argues that Neeleman's imagery engages in dialogue with historical representations of the westward migration of Mormon pioneers in the United States, mobilizing a form of nostalgia distinct from that typically found in other *#TradWife* influencer profiles.

#### Keywords

Mormons; *#TradWife* Movement; Semiotics; Discourse; Nostalgia.

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing (doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, PPGCOM-ESPM), [adillerigoni@gmail.com](mailto:adillerigoni@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0003-1251-6226>, <http://lattes.cnpq.br/1100487503640340>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Introdução

Simone de Beauvoir (2019, p.112) afirma que “o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso e nem o resultado de uma revolução violenta”. Pelo contrário, por conta de privilégios biológicos, os homens nunca abdicaram seus privilégios e puderam se autoafirmar soberanos desde o início da humanidade, enquanto à mulher, restou ocupar o lugar do Outro, além de não poder definir qual seria seu destino dentro de uma das duas possibilidades: escrava ou ídolo (Beauvoir, 2019).

Apesar das conquistas dos movimentos feministas, e das novas possibilidades que este apresentou, ainda não conseguimos romper por completo com a ideia de papéis de gênero na nossa sociedade. Mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho, a ideia de que o homem deve trabalhar fora de casa e a mulher deve ser a responsável pelas tarefas de cuidado com a casa, os filhos e a família, continua presente na sociedade. Para além de ser uma luta que está longe do fim, o movimento feminista, enquanto um movimento de resistência, sempre enfrentou contramovimentos que buscam manter o status-quo. No século XIX, por exemplo, os movimentos antifeministas tentaram resistir ao movimento sufragista e, no século XX, diversas ativistas se manifestaram contra o *Equal Rights Amendment* (ERA) nos Estados Unidos<sup>2</sup>.

Estima-se que, por volta de 2017, através das redes sociais, surgiu um movimento de mulheres das gerações Y e Z que, através de uma estética repleta de referências às mulheres norte-americanas dos anos 1950, buscam a manutenção dos papéis de gênero e promovem a submissão aos maridos, muitas vezes sustentados por suas crenças em princípios fundamentalistas cristãos. Esse movimento é chamado de *#TradWife*, que é uma abreviação para o termo em inglês *Traditional Wife*, que significa “Esposa Tradicional”. Apesar de ter começado entre 2016 e 2017, o movimento ganhou força nas redes sociais por volta de 2020, durante a pandemia da covid-19. Um dos aspectos que diferencia o movimento *#TradWife* de tantos outros movimentos antifeministas que vieram antes dele é a visibilidade que essas mulheres conseguiram através dele<sup>3</sup>. Para além disso, diferente de outros movimentos antifeministas, o movimento *#TradWife* se apoia em ideais Cristãos e em um discurso com foco na família e na tradição, romantizando a dependência financeira e submissão da mulher ao marido.

A perspectiva religiosa em relação aos papéis de gênero sustenta o discurso destas mulheres, que são em sua maioria cristãs. Neste artigo, buscaremos entender como o tensionamento entre diferentes semiosferas produz influenciadoras *#TradWives*, enquanto um fenômeno discursivo, ideológico e de consumo. Para isso nos apoiaremos na pesquisa bibliográfica, combinada a uma análise semiótica, a partir das ideias de Yuri Lotman (1996; 1998), conduzida através da ideia de intericonicidade, apresentada por Nilton Milanez (2015). A intericonicidade é o processo que busca

Históricamente [sic.] outro texto que já está ali presente e não em outro lugar, que aparece de forma apagada, mas que precisa de um mecanis-

2 Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/12/27/us/tradwife-1950s-nostalgia-tiktok-cec/index.html>. Acesso em 03 de junho de 2025.

3 Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/12/27/us/tradwife-1950s-nostalgia-tiktok-cec/index.html>. Acesso em 03 de junho de 2025.

mo material para ser decifrado, seja pelas similitudes das imagens, pela repetição de sua historicidade ou pela recuperação do arquivo memorial coletivo” (Milanez, 2015, p. 200).

Para isso, adotaremos como objeto empírico a influenciadora Hannah Neeleman, que se identifica em todas as redes sociais como *@BallerinaFarm*, e sua relação com a religião. A amostragem analítica engloba nove publicações veiculadas no perfil *@BallerinaFarm* no Instagram entre 2022 e 2025, selecionadas por sua relevância para a compreensão do fenômeno de repetição de imagens históricas. Dessa forma, a estratégia metodológica para escolha de imagens foi realizado em duas etapas: sendo a primeira, o mapeamento e a observação sistemática dos posts; seguida pela análise comparativa destas imagens com os registros históricos disponíveis no arquivo público da Igreja de Jesus Cristo dos Santos os Últimos Dias.

Com 9.9 milhões de seguidores no TikTok, 10.1 milhões de seguidores em seu perfil do Instagram e 2.04 milhões de inscritos no seu canal do YouTube<sup>4</sup>, Hannah Neeleman é considerada a rainha das *#TradWives*<sup>5</sup> mesmo sem nunca ter utilizado esse termo em suas redes sociais. O título veio depois de ganhar o prêmio de Mrs. Universe em um concurso de beleza apenas 12 dias após o nascimento de seu oitavo filho<sup>6</sup>, conforme a Figura 1.

**Figura 1 – Hannah Neeleman amamentando sua filha durante o Mrs. Universe**



Fonte: Agnew, 2024<sup>7</sup>.

Hannah Neeleman tem 1019 posts em sua página do Instagram<sup>8</sup>, na qual mostra a rotina da família em uma fazenda no interior do estado de Utah, nos Estados Unidos. Para conduzir essa análise, nos apoiaremos em postagens feitas no Instagram de Hannah Neeleman (*@ballerinafarm*) até junho de 2025.

4 Dados coletados pela autora no dia 10 de junho de 2025.

5 Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

6 Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

7 Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

8 Dados coletados pela autora no dia 10 de junho de 2025.

Hannah Neeleman é casada com Daniel Neeleman, um dos filhos do empresário norte-americano David Neeleman, que é o fundador de diversas companhias aéreas, como Azul e *JetBlue*. Assim como seu marido, Hannah cresceu e ainda se identifica como membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Igreja Mórmon ou SUD. Esta se trata de uma denominação Cristã, que reforça valores patriarcais (Massimini, 2022). Seu usuário nas redes sociais, *BallerinaFarm*, remete ao seu passado como bailarina formada em Juilliard, que abandonou a carreira após começar a ter filhos. Hannah engravidou de seu primeiro filho 3 meses após o casamento, enquanto ainda estava cursando ballet em Juilliard, e foi a primeira aluna de graduação grávida da universidade na história moderna. Hannah diz na entrevista que os primeiros anos foram difíceis e que ela precisou sacrificar a dança, o que foi difícil<sup>9</sup>.

Neste artigo iremos explorar o movimento *#TradWife* enquanto um fenômeno discursivo, ideológico, semiótico e para consumo, a partir das ideias de Yuri Lotman (1996; 1998), aliada à intericonicidade de Nilton Milanez (2015), que nos permite compreender como as imagens do perfil do Instagram de Hannah Neeleman, identificada como *@BallerinaFarm*, dialogam com imagens históricas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, especificamente da migração de pioneiros Mórmons para o Oeste dos EUA, que resgatam uma nostalgia diferente da que costumamos encontrar em perfis de influenciadoras do movimento *#TradWife*, visto que estas costumam dialogar com a dona de casa norte-americana dos anos 1950. Além disso, as ideias de Mikhail Bakhtin (2014) sobre ideologia também serão essenciais para localizarmos o discurso religioso em seu conteúdo; Michel Foucault (2014) para entendermos as relações de poder; e, por fim, Mary Douglas e Baron Isherwood (2006), que nos ajudarão a compreender como Hannah Neeleman se transforma em um produto para consumo. Para compreendermos mais como a religião atravessa seu discurso, precisaremos entender mais o conceito apresentado por Clifford Geertz (2008) sobre a religião.

## Cultura e Religião

Entre os sistemas simbólicos que estruturam o ideal *#TradWife*, a religião ocupa um papel central, funcionando como uma matriz simbólica que orienta valores, comportamentos e modelos de gênero. A retomada de papéis femininos tradicionais muitas vezes se ancora em concepções religiosas que naturalizam a submissão da mulher, conferindo legitimidade moral e transcendência a esse estilo de vida. Assim, uma breve revisão do conceito de cultura e religião é necessária para iniciar essa discussão. Para isso, nos apoiaremos nas definições apresentadas por Clifford Geertz (2008), que entende que cultura é "um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (Geertz, 2008, p.66).

Dessa forma, o autor compreende que os símbolos sagrados não apenas concentram o *ethos* de um povo, que inclui seus valores, estilos de vida e disposições mo-

9 Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

rais e estéticas, como também faz com que esse *ethos* se torne intelectualmente razoável, uma vez que refletem as crenças e uma visão de mundo considerada verdadeira por aquele grupo. Isso faz com que essas escolhas morais e estéticas sejam naturalizadas, uma vez que são vistas como exigências da própria realidade; e as crenças sobre o mundo se sustentem por sentimentos profundos, que são tomados como provas experimentais de sua veracidade (Geertz, 2008).

Isso ajuda a explicar por que Hannah Neeleman foi considerada a rainha das *#TradWives* mesmo sem nunca ter utilizado esse termo ou ter se autodeclarado parte desse grupo. Uma vez que ela vive os padrões de gênero propostos pela Igreja Mórmon, e reforça esses estereótipos através de seu conteúdo, mostrando sempre ela como responsável primária pelos cuidados da casa, da alimentação e dos filhos, de forma que naturaliza tanto a estética quanto os papéis de gênero propostos pela religião, como mostra a Figura 2.

**Figura 2 - Hannah Neeleman fazendo hambúrguer com as filhas**



Fonte: Instagram, 2025<sup>10</sup>.

O fato de Hannah não assumir o título de *#TradWife* consiste em sua submissão ao estilo de vida proposto pela Igreja, que elimina a necessidade deste rótulo ao determinar que “segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos”<sup>11</sup>.

Clifford Geertz (2008) ainda entende que, enquanto seres humanos, temos uma grande dependência de símbolos e de sistemas simbólicos, que faz com que estes assumam um papel importante em nossa viabilidade enquanto sujeito. Isso ocorre porque

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DKPjhILtvbr/?igsh=MWx3ZGVxcjBmOWkwZA==>. Acesso em 10 jun 2025.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/the-family-a-proclamation-to-the-world/the-family-a-proclamation-to-the-world?lang=por>. Acesso em: 07 jun 2025.

o autor entende que, diferente de outros animais, nós não sobrevivemos apenas biologicamente, mas também culturalmente e os símbolos são responsáveis por trazerem sentido à nossa existência. O autor ainda reforça que essa dependência dos símbolos para entender e lidar com o mundo, qualquer falha nesse sistema, que não nos permita explicar determinados aspectos da nossa existência, pode gerar uma insegurança profunda (Geertz, 2008). Isso ajuda a explicar o papel que as religiões assumem na cultura e na sociedade. Para o autor,

Uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 2008, p.67).

Partiremos dessa perspectiva para entender com maior profundidade o papel que a religião assume no surgimento de movimentos políticos e conservadores, que, neste caso, será o movimento *#TradWife* e como isso se tornou, também, um fenômeno ideológico, discursivo e para consumo.

## Perspectiva Semiótica do Surgimento de Movimentos Conservadores

Podemos entender o surgimento de movimentos conservadores a partir das ideias de Yuri Lotman (1996). O autor entende que o processo pelo qual algo se torna portador de um significado é chamado de semiose e, portanto, o local onde esse processo acontece é chamado de semiosfera (Lotman, 1996). Para Lotman (1996), por depender da ação do signo, a cultura se constitui no espaço da semiosfera e, portanto, passa também a existir no campo da comunicação.

Alguns aspectos importantes da semiosfera são seu caráter individual e homogêneo, que permitem identificar quando estamos dentro de um sistema cultural específico, que conta com suas próprias regras e signos. Isso nos permite identificar alguns signos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias presentes no conteúdo de Hannah Neeleman, sem que ela precise dizer o nome da instituição.

É importante ressaltar que não se trata somente de uma semiosfera, mas sim de diversas semiosferas, formadas por diferentes sistemas semióticos. Além disso, o autor resalta também que existe uma fronteira semiótica, que não é um espaço físico, mas que atua como um sistema de tradução entre as diferentes semiosferas, uma vez que tudo o que vem de outros sistemas simbólicos precisa ser traduzido para os sistemas de códigos reconhecidos, a fim de serem compreendidos (Lotman, 1996). Esse processo é importante, porque a única forma de um sistema de signos externo penetrar uma determinada semiosfera é através dessa tradução, que Lotman (1996) chama de semiotização.

A chegada constante de novas informações e esse processo de tradução, que faz com que essas informações sejam absorvidas, fazem com que exista uma constante

disputa pelo centro da semiosfera, e isso faz com que a cultura se torne dinâmica, ou seja, sofra transformações ao longo tempo (Lotman, 1996).

Yuri Lotman (1998) ainda entende que, em momentos de alta semiotividade – ou seja, momentos em que a cultura cria modelos simbólicos sofisticados e que são autônomos em relação à ordem prática, quando há muita complexidade nos códigos e um excesso de semioses – existe uma desestabilização da ordem simbólica dominante, que faz com que as pessoas tenham dificuldade de interpretar esses novos símbolos. Isso, por sua vez, leva à perda de clareza dos códigos tradicionais, gerando uma insegurança, que pode gerar uma resposta conservadora como tentativa de restabelecer ordem, clareza e controle.

A partir dessa lógica, podemos entender o movimento *#TradWife* como uma resposta ao movimento feminista tradicional, que propôs uma nova ordem simbólica, fazendo com que surgissem novas tentativas de reestabelecer a ordem prévia, que, neste caso, pode ser compreendida como os papéis tradicionais de gênero. É importante ressaltar que essa dinâmica não estabelece uma relação de causalidade direta entre o feminismo e o movimento *#TradWife*, mas, sim, de uma reconfiguração sistêmica da própria semiosfera, em que o avanço de novos códigos desencadeia tensões e fricções na periferia do sistema simbólico, gerando respostas conservadoras como movimentos de autorregulação cultural. No caso do movimento feminista, podemos ver o reflexo desse fenômeno a partir das respostas conservadoras para os avanços que o movimento conquistou nos últimos séculos, buscando manter os papéis tradicionais de gênero ainda que não tenhamos atingido um patamar pleno de igualdade de gênero.

Podemos entender, assim, que existe um espaço de disputa pelo centro da semiosfera quando pensamos nas questões relacionadas aos papéis de gênero. Ao mesmo tempo que o movimento feminista está localizado dentro de um determinado sistema de signos que ressignificou o papel da mulher, abrindo suas possibilidades de atuação para além das tarefas do lar e de cuidado, ainda existe uma outra semiosfera, que é sustentada pelos valores tradicionais e religiosos, principalmente cristãos, que entende que as tarefas de cuidado e do lar devem ser responsabilidade exclusiva da mulher.

A reconfiguração dos papéis de gênero proposta pelo movimento feminista produziu uma ruptura na ordem simbólica dominante, gerando dificuldades na interpretação dos novos signos e, conseqüentemente, uma perda de clareza nos modelos tradicionais de gênero. À luz da concepção de que não há comunicação entre semiosferas distintas sem um processo prévio de tradução simbólica (Lotman, 1996), podemos observar que, ao adotar e difundir o discurso centrado na “escolha da mulher”, o feminismo introduziu um novo regime semiótico que passou a disputar o centro da semiosfera, tensionando os significados estabelecidos em torno da ideia de escolha. Essa disputa, aliada à instabilidade provocada pela perda de clareza acerca dos códigos tradicionais, intensificou a sensação de insegurança cultural.

Nesse contexto, emergiu, especialmente nas redes sociais, o movimento *#TradWife* como manifestação reativa, propondo a reafirmação de papéis de gênero tradicionais como tentativa de restaurar a estabilidade semiótica e conter a dispersão

simbólica. Diante disso, vamos entender e analisar a seguir esse movimento conservador através da perspectiva discursiva.

## Perspectiva Discursiva

É importante ressaltar que esse movimento surge junto a outros movimentos conservadores, com um marcador específico de gênero. Isso significa que, assim como o movimento *Alt-Right* surge como um fenômeno majoritariamente masculino, nacionalista e branco, o movimento *#TradWife* também tem um recorte específico de gênero, raça e classe.

Para discutirmos o movimento *#TradWife* enquanto um fenômeno discursivo, é necessário recorrer às contribuições de Michel Foucault (2014), especialmente no que se refere à relação entre discurso, poder e subjetivação. Embora Michel Foucault (2014) e Yuri Lotman (1996; 1998) operem a partir de tradições teóricas distintas, é possível articulá-los por meio de uma mediação teórica que considere diferentes escalas de análise. Como discutimos anteriormente, Lotman (1996) nos mostra as regularidades estruturais dos sistemas culturais de significação e suas disputas. Já Foucault (2014) nos permite analisar as estratégias discursivas que produzem regimes de verdade.

Foucault (2014) entende a linguagem como um sistema de signos regulado por códigos e, sobretudo, entende o discurso não apenas como um conjunto de enunciados, mas como uma prática social que produz saberes, regula comportamentos e estrutura a realidade. O discurso, nesse sentido, é uma instância que organiza a sociedade, instaurando uma determinada ordem do dizer e do pensar.

Para Michel Foucault (2014), determinados discursos são autorizados e outros excluídos. Isso institui regimes de verdade que delimitam o que pode ser dito, por quem, em que contexto e com qual legitimidade. Um ponto importante nessa ideia é que a noção de verdade é transitória, o que significa que esta depende de onde o poder está localizado. Isso faz com que o sujeito seja formado através do discurso – e, consequentemente, do poder. Enquanto sujeitos, somos constituídos pelo discurso e este é anterior a nós, determinando nossas formas de agir, nossos desejos e nossas percepções sobre o mundo. Dessa forma, podemos entender que, para além de representar a realidade, o poder produz o sujeito e promove formas de sujeição, ao mesmo tempo que o insere socialmente.

Michel Foucault (2014) entende que todos os discursos são discursos de poder, uma vez que existe uma ordem do discurso, que determina quem, quando, onde e o que pode ser dito:

Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição, trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles (Foucault, 2014, p.35).

Sendo assim, podemos interpretar o movimento *#TradWife* como parte de um dispositivo discursivo que atua na disputa por formas de feminilidade socialmente legitimadas. Para isso, esse movimento se apoia em diversos discursos sobre tradição, família e feminilidade com o objetivo de reestabilizar simbolicamente contextos marcados pela pluralização dos discursos de gênero à medida que o movimento feminista progrediu. Assim, podemos entender que se trata de uma prática discursiva que busca reinscrever o feminino em um regime de verdade conservador, reafirmando normas sociais por meio de um retorno idealizado ao passado, apoiado por um discurso religioso.

É importante pensar em como as relações de poder atravessam esse movimento. Michel Foucault (2014) entende que a formação do sujeito acontece através de práticas discursivas, sendo o discurso responsável por instaurar uma determinada ordem social. Dessa forma, Foucault (2014) entende que o poder está nas instituições, que regulam, autorizam ou excluem determinados discursos. Judith Butler (2019) também entende que o poder, está no processo de formação do sujeito. Isso significa que mais do que regular discursos que são exteriores ao sujeito, o poder tem atuação direta na sua formação, de forma que molda também sua identidade.

Os pioneiros da Igreja, especialmente as mulheres, são frequentemente retratadas com muitos filhos e rodeados de crianças. Mesmo que esta fosse uma prática comum no século XIX e não exclusiva de membros da igreja Mórmon, é válido ressaltar que este também é um aspecto relevante no conteúdo de Hannah Neeleman. Podemos ver isso através da semelhança entre a Figura 3, que mostra uma pintura da família de Joseph Smith, fundador da Igreja SUD, e a Figura 4, na qual vemos a família de Hannah Neeleman.

**Figura 3 — Pioneiros Mórmons**



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2024<sup>12</sup>.

12 Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/portrait-all-smith-family-baxter-14abe98?lang=eng&collectionId=6010859071fd9369feb6bb51c638aa7844b7a480>. Acesso em 16 jun. 2025.

Figura 4 — Hannah Neeleman com a família



Fonte: Instagram, 2024<sup>13</sup>.

O movimento *#TradWife* é marcado por imagens que remetem à estética e ao estereótipo da dona de casa dos anos 1950 e à nostalgia de uma feminilidade branca que se entrelaça a histórias e a culturas locais, por onde passa (Mattheis, 2022). Mas, em geral, esse movimento se sustenta por uma lógica discursiva que entende que o retorno à feminilidade submissa seria a solução de problemas da modernidade e, mais do que isso, o caminho para a libertação, que se aproxima de ideias religiosas, presentes especialmente no Cristianismo Evangélico e no Catolicismo Tradicional (Mattheis, 2022).

Um ponto importante em relação à Hannah Neeleman é que, apesar de reforçar esses valores, sua estética não remete à dona de casa tradicional dos anos 1950, mas sim à uma versão atualizada da estética dos pioneiros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Podemos fazer essa análise nos apoiando na perspectiva de Nilton Milanez (2015, p. 201) sobre intericonicidade, que entende que “essa noção não se limita apenas aos contornos de um ‘modelo’, mas se introduz e se alça como uma ferramenta que servirá para pensar a circulação e a propagação dos discursos por meio de um tipo específico de repetição das imagens”. Jean-Jacques Courtine (*apud* Milanez, 2015) ainda entende que toda imagem está conectada à outra tanto na esfera coletiva, quanto na esfera individual.

Toda imagem se inscreve no interior de uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência de uma memória visual no indivíduo, de uma memória das imagens na qual toda imagem tem um eco. Há um ‘sempre-já’ de uma imagem. Essa memória das imagens pode ser uma memória das imagens externas percebidas, mas pode muito bem ser a memória das imagens internas sugeridas pela percepção exterior de

13 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C65hAivukQJ/?igsh=Z3oyZ2o0cGhuODA0>. Acesso em 16 jun. 2025.

uma imagem. Então, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe o estabelecimento da relação de imagens externas, mas também de imagens internas, as imagens das lembranças, as imagens que guardamos na memória, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. Não há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas. É isso que me parece essencial, porque é isso que vem colocar a questão do corpo bem no centro da análise (Courtine *apud* Milanez, 2015, p. 201).

Partindo de referências históricas, é possível notar escolhas estéticas muito semelhantes entre Hannah Neeleman e os pioneiros Mórmons, que migraram em direção ao Oeste no século XIX e se estabeleceram no estado de Utah, nos Estados Unidos – que é também onde Hannah Neeleman vive com sua família. As Figuras 5 e 6 nos permitem identificar estas semelhanças.

**Figura 5 – Pioneiros Mórmons**



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2025<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/handcart-pioneers-sam-lawlor-b3445d4?lang=eng&collectionId=6010859071fd9369feb6bb51c638aa7844b7a480>. Acesso em 12 jun. 2025.

**Figura 6 – Hannah Neeleman com o marido e a filha**

Fonte: Instagram, 2024<sup>15</sup>.

O foco discursivo do movimento *#TradWife* está apoiado em uma lógica de maternidade, na qual a mulher não trabalha fora de casa, submissão ao homem – que é visto como o líder do lar –, moda recatada, antifeminismo e homo/transfobia (Mattheis, 2022). Estes valores são comuns a muitas denominações Cristãs, sendo assim, também, compartilhados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que é a denominação religiosa com a qual Hannah Neeleman (@ballerinafarm) se identifica. Dessa forma, precisamos pensar no papel da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, enquanto instituição repleta de poder – bem como no seu poder, reconhecido por seus membros –, dentro do movimento *#TradWife*.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem uma série de materiais e manuais que definem as regras e quais devem ser os padrões de comportamento, vestimenta, família, etc. Esses manuais pautam as vidas de seus membros à medida que ensinam como se comportar de maneira que a exaltação eterna, ou as bênçãos prometidas após a morte, sejam alcançadas. Como mencionamos anteriormente, é possível entender a Igreja como uma instituição generificada, uma vez que pelas lentes de Joan Scott (2008), o gênero constitui, entre outros aspectos, as relações sociais sustentadas pela diferenciação sexual.

Taylor Petrey (2020) ressalta que, aos olhos da liderança da Igreja, é necessário que exista a diferenciação de gênero para proteger o sacerdócio – que é o poder e a autoridade de Deus dados aos homens para agir em seu nome na terra, ou seja, é o que garante poder aos homens dentro da estrutura religiosa. Diante disso, o autor entende que uma das principais ameaças à masculinidade é a possível falha da liderança patriarcal dentro de casa, sendo assim, a Igreja determinou um modelo divino de ad-

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C9-P8jlucDB/?igsh=eTV6cXo3bm85bGh6>. Acesso em 12 jun. 2025.

ministração do lar e da família, a “ordem patriarcal do casamento”, que é inspirada na Bíblia para determinar as relações familiares, colocando o homem ao centro da família (Petrey, 2020). Isso faz com que a instituição ensine às mulheres a serem submissas aos seus maridos – que são os portadores do sacerdócio – e não exerçam nenhum tipo de trabalho remunerado, uma responsabilidade que deveria ser do homem (Petrey, 2020). Apesar de ser uma ideia muito reforçada pela instituição na década de 1950, ainda vemos muito deste discurso na Igreja até os dias de hoje, no discurso dos líderes e também em um documento chamado “A Família: Proclamação ao Mundo”, que determina o modelo divino de família.

Para além de estabelecer normas sociais, o poder da Igreja também permite que a instituição crie imagens no imaginário de quem o reconhece. Isso acontece de diversas formas, seja através de imagens contidas nos manuais e nos materiais oficiais da Igreja, ou mesmo através da definição de padrões específicos de família e papéis de gênero em seus textos.

Isso permite que exista uma relação entre as imagens postadas nas redes sociais de Hannah Neeleman e nas imagens apresentadas pela igreja sobre sua história e sobre a vivência dos ensinamentos no dia a dia, de forma que essas imagens estabelecem relação com outros textos — que podem ser escritos ou visuais — da instituição através das similitudes dessas imagens, da repetição histórica do que esses signos representam e, entre pessoas que tiveram contato prévio com a Igreja Mórmon, pela recuperação da memória coletiva. Consequentemente, Hannah também atua como um veículo de divulgação do *ethos* da Igreja SUD, uma vez que transforma seu estilo de vida em um produto para consumo. Nas Figuras 7 e 8, podemos, mais uma vez, notar como as escolhas estéticas de Hannah Neeleman na representação de sua família se assemelham às escolhas estéticas da Igreja SUD para representar seus pioneiros.

**Figura 7 — Família de pioneiros mórmons**



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2025<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/mormon-battalion-saying-goodbye-635042d?lang=eng&-collectionId=6010859071fd9369feb6bb51c638aa7844b7a480>. Acesso em 15 jun. 2025.

**Figura 8 — Família Neeleman**

Fonte: Instagram, 2022<sup>17</sup>.

Imagens da família em frente à capela da Igreja, ou vídeos sobre o funeral de seu pai, que segue um protocolo estritamente mórmon, também fazem parte do conteúdo compartilhado por Hannah Neeleman. Mas os principais traços estão nas referências aos pioneiros da Igreja.

### Perspectiva ideológica

Diante disso, podemos compreender a perspectiva ideológica deste movimento sob a luz das ideias de Mikhail Bakhtin (2014), que entende que diferente de objetos meramente físicos, os produtos ideológicos – que são signos – refletem uma realidade externa de si. Nas palavras do autor: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (Bakhtin, 2014, p. 29). Dessa forma, o autor compreende que é possível transformar qualquer produto de consumo em signo ideológico, atribuindo a este um sentido que seja reflexo de uma outra realidade.

Mais do que refletir uma outra realidade, Bakhtin (2014) entende que os signos podem distorcê-la, ser fiel ou limitá-la a um determinado ponto de vista. Por conta disso, o autor ressalta que, uma vez que os signos devem passar por uma avaliação ideológica, para dominá-los é necessário também um domínio ideológico. Em suas palavras:

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (Bakhtin, 2014, p.30).

É importante ressaltar, entretanto, que isso não limita a interpretação dos signos a uma única maneira, mas os diferentes campos de criatividade ideológica criam suas

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CenPfNvLtLp/?igsh=a2NoZnN3M3Fqb2Yx>. Acesso em 15 jun. 2025.

próprias maneiras de perceber uma determinada realidade a partir dos signos que esta produz. Mais do que um reflexo da realidade, os signos materializam essa realidade de diferentes formas – sons, cor, massa física, movimento de um corpo, etc. (Bakhtin, 2014).

Podemos identificar isso facilmente no perfil @BallerinaFarm no Instagram, de forma que, enquanto influenciadora, Hannah transforma sua vida em conteúdo e, consequentemente em produtos para consumo, que fica disponível para milhões de pessoas, que podem ou não a seguir nas redes sociais. Além disso, é importante ressaltar que esse conteúdo, bem como sua criadora, ganha poder à medida que circula e ganha mais visibilidade. Nesse processo de transformar a vida em conteúdo, Hannah materializa sua realidade e utiliza desses signos para representar suas crenças, como podemos ver nas Figuras 9 e 10.

**Figura 9 — Pioneiras com crianças**



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2025<sup>18</sup>.

**Figura 10 — Hannah Neeleman com as filhas**



Fonte: Instagram, 2025<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://history.churchofjesuschrist.org/exhibit/willie-and-martin-remembered-a-tribute-to-the-mormon-hand-cart-pioneers?lang=eng#mv4>. Acesso em 17 jun. 2025.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DIXBYeEv5mn/?igsh=MWZzeGNxuDZuM2Jseg==>. Acesso em 15 jun. 2025.

Bakhtin (2014, p. 31) entende que a ideologia é “um fato de consciência e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão”. Para ele, essa consciência precisa se materializar em signos, visto que é necessário aproximar este signo de outros para que exista, de fato, a compreensão.

As ideias de Bakhtin (2014) nos permitem analisar a transformação de influenciadoras, que são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em signos que permitem a compreensão dos ensinamentos da Igreja em diferentes frentes.

Analisando as postagens de Hannah Neeleman (@ballerinafarm) no TikTok e no Instagram, é possível notar que pouco se fala sobre sua religião, apesar de mostrar momentos como o batismo de seus filhos, seu conteúdo não atua diretamente como uma forma de divulgação de mensagens religiosas ou como uma forma explícita de proselitismo, como retratado na Figura 11. Ao invés disso, Hannah Neeleman, assim como outras influenciadoras, materializa outros signos da igreja e, também, o movimento *#TradWife* sem que seja necessário falar abertamente de nenhum destes tópicos. A Figura 12 mostra um retrato oficial da Igreja SUD sobre o convênio do batismo.

**Figura 11 – Batismo da filha de Hannah Neeleman**



Fonte: Instagram, 2024.

**Figura 12 – Acervo de imagens da Igreja: Batismo**

Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2025<sup>20</sup>.

Uma vez que o discurso da Igreja determina e delimita o papel da mulher dentro de uma lógica patriarcal de submissão ao marido, atribuindo a responsabilidade única e exclusiva de cuidado, ao transmitir este estilo de vida em suas redes sociais, Hannah não precisa adotar o termo *#TradWife* para ser reconhecida dentro desta lógica, tanto por aqueles que apoiam, quanto para os que se opõem ao movimento.

Em seus posts, como o retratado nas Figuras 13 e 14, Hannah frequentemente é retratada na cozinha, preparando comidas orgânicas ou fazendo tarefas domésticas, vestindo roupas claras e recatadas, e rodeada por seus filhos e marido. Parte de seu conteúdo também consiste em mostrar a vida na fazenda no interior do estado de Utah, nos Estados Unidos, o que inclui também a estética rústica, que é parte de sua marca registrada.

20 Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/girl-baptism-64aa5ef?lang=eng&collectionId=1d5d569ab-33dea67f63cbcdcc87bc8756d679194>. Acesso em 14 jun. 2025.

**Figura 13 — Hannah preparando Muffins**

Fonte: Instagram, 2024<sup>21</sup>.

**Figura 14 — Rotina de sábado de manhã**

Fonte: Instagram, 2025<sup>22</sup>.

21 Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJncF2vtMS4/?igsh=Yjk2cDc0NDY0ZTc4>. Acesso em 15 jun. 2025.

22 Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DBH3Qo3ugct/?igsh=ZGJuZXpueW9jeno=>. Acesso em 15 jun. 2025.

É importante ressaltar que o objetivo dos vídeos, nos quais ela aparece na cozinha, não é ensinar receitas, mas sim mostrar sua rotina e seu estilo de vida, transformando-os em produtos para consumo que serão, inclusive monetizados e transformados em fonte de renda para a família. Diante disso, discutiremos a seguir a perspectiva do consumo simbólico acerca deste tema.

## Perspectiva do Consumo

Por meio do consumo podemos dizer mais sobre nós mesmos dentro de um cenário que considere as relações de tempo e espaço. Através dos bens de consumo – sejam eles materiais ou não – podemos construir nossas identidades, contamos para o outro sobre nós mesmos, nossas relações familiares e o local onde nos encontramos, visto que são questões relacionadas e, mais do que isso, são resultado do universo que vivemos. Isso significa, que através das atividades de consumo e a partir da concordância de outros indivíduos, podemos ressignificar eventos (Douglas; Isherwood, 2006).

Mary Douglas e Baron Isherwood (2006) reforçam que não há diferença entre os bens que suprem necessidades básicas, como, por exemplo, comida e bebida, e bens espirituais, como, por exemplo, a música e a dança. Além disso, é importante esclarecer que, ainda que os bens tenham significados, esse significado existe através das relações entre eles, e não em um único bem.

O consumo é uma prática social que não deve ser pensada como um resultado do trabalho, ou ainda como o motivo pelo qual trabalhamos. Douglas e Isherwood (2006, p.26) entendem que o consumo é “parte integrante da necessidade social de relacionar-se com outras pessoas, e de ter materiais mediadores para essas relações”. Para além disso, é preciso entender que o processo de consumo de um bem não se limita ao consumo físico, visto que essa é apenas uma etapa do processo, mas também ao consumo simbólico.

A partir dessa lógica, podemos entender que, além de desempenhar um papel importante na formação da identidade de determinados indivíduos, o consumo do conteúdo criado por Hannah Neeleman é, também, um mediador de relações sociais. Isso significa que o consumo de seu conteúdo não se limita a quem segue e interage com elas nas redes sociais, mas também assume um papel de mediador de relações sociais, de forma que pode impactar na luta feminista histórica que busca romper com os papéis de gênero tradicionais – especialmente em um cenário que falta assistência para que mulheres mais jovens consigam desenvolver suas carreiras profissionais e acadêmicas ao mesmo tempo que constroem suas famílias – e também é consumido à medida que se torna um objeto de debate público, ou seja, ganha espaço de visibilidade e discussão na mídia tradicional, uma vez que Hannah ganha a atenção de grandes revistas e jornais, que começam a publicar entrevistas e outros textos sobre sua vida, expandindo o debate também entre pessoas que não a seguem ou não utilizam redes sociais, iniciando uma discussão sobre quais são os papéis do homem e da mulher na família.

Ao publicar seu conteúdo nas redes sociais, Hannah Neeleman se torna um produto para consumo e, conseqüentemente, assume um papel importante na formação de identidade de determinados grupos. Diante disso, podemos entender que esse consumo simbólico também é uma forma de linguagem e, portanto, está dentro de uma lógica de poder, o que reforça seu papel fundamental na formação do sujeito. Mais do que isso, Hannah Neeleman não é apenas uma influenciadora como também uma empresária dona de uma loja on-line e duas físicas no interior de Utah, chamadas Balerina Farm Store, nas quais ela comercializa não apenas os produtos produzidos em sua fazenda, como também os acessórios que utiliza em seus vídeos, como aventais, facas, tábuas, panos de prato e outros utensílios domésticos, que criam a sensação de ter o mesmo estilo de vida que ela apresenta em suas redes sociais.

Thorstein Veblen (2021) ainda nos apresenta o conceito de consumo conspícuo, que é um consumo que tem por objetivo ser notado, tornando-se, assim, uma forma de comunicação social. Veblen (2021) entende que o valor de um bem não está em sua utilidade, mas sim em seu significado social. Podemos analisar isso dentro do movimento *#TradWife* e, especificamente, no perfil de Hannah Neeleman pela forma que ela apresenta sua relação com o tempo que tem disponível no dia e pela curadoria de seu conteúdo.

Apesar de mostrar constantemente sua domesticidade, ela não é retratada em seus perfis limpando a casa, mas sim realizando outras tarefas que não são tão produtivas, como a opção de fazer a própria manteiga, os próprios condimentos e outros produtos que são utilizados como ingredientes no preparo de refeições, mas que poderiam ser comprados no supermercado. Assim, Hannah Neeleman comunica que, apesar de ter oito filhos, ainda tem tempo disponível para realizar essas tarefas que poucas pessoas têm tempo disponível para realizar. Veblen (2021) ainda nos apresenta o conceito de consumo conspícuo, que é o consumo que tem como principal finalidade ser notado e isso pode ser aplicado à forma com que Hannah Neeleman consome o seu tempo disponível.

Como discutimos anteriormente, mais do que ter, acumular mais de 20 milhões de seguidores entre suas plataformas de redes sociais monetizadas, Hannah Neeleman é casada com Daniel Neeleman, herdeiro de David Neeleman, um empresário que acumula uma fortuna bilionária<sup>23</sup>. Sendo assim, podemos entender que Hannah Neeleman performa sua classe social a partir da realização de tarefas poucos úteis para o funcionamento da casa, comunicando que tem tempo disponível para investir nessas tarefas. Além de lucrar com a produção de conteúdo que pode parecer orgânico e pouco editado, mas que gera renda para sua família. Veblen (2021) nos ajuda a compreender as conseqüências do movimento *#TradWife* através de seu conceito de emulação, que reflete sobre pessoas de classes mais baixas tentarem imitar hábitos de consumo de classes altas. A condição financeira de Hannah Neeleman está distante de ser a realidade de grande parte de seus seguidores, que podem tentar reproduzi-la de suas próprias maneiras, sem a garantia de uma recompensa financeira para isso. Veblen (2021) ainda ressalta que essa cadeia de emulação é o que mantém as desigualdades sociais,

23 Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/bilionarios-brasileiros-2025/pg/7/>. Acesso em 14 jun. 2025.

e o consumo deixa de suprir necessidades reais para passar a reforçar determinadas hierarquias.

Pensar na condição de Hannah Neeleman enquanto influenciadora como trabalho é importante para desmistificarmos a ideia de que ela está exercendo papéis tradicionais de gênero e a romantização da dependência, que é promovida pelo movimento. Apesar de comunicar uma vida simples em uma fazenda familiar no interior de Utah, a família Neeleman está longe de viver esta realidade.

## Conclusão

Dessa forma, a partir do pensamento de Yuri Lotman (1998), podemos concluir que estamos vivendo um momento de alta semiotividade, no qual diferentes ideias e visões acerca do papel da mulher na sociedade estão em disputa pelo centro da semiosfera. Diante desse momento de tensão, surgem diferentes movimentos conservadores, entre eles, o movimento *#TradWife*, que, por sua vez, produz influenciadoras que, através de estratégias discursivas e uso das redes sociais, promovem e convocam mais mulheres a adotarem um estilo de vida baseado em ideias Cristãs sobre gênero e, especificamente, sobre o papel da mulher na sociedade, mesmo que não adotem o termo, mas produzam uma estética de submissão e servidão dentro do lar nas redes sociais. Apesar de comum, essa estética não precisa estar necessariamente relacionada aos signos dos anos 1950, mas é possível identificar esses valores e referências religiosas em outras possibilidades e escolhas estéticas, mas que sempre mantém a mulher em uma mesma posição dentro da dinâmica familiar.

Nesse processo, elas se tornam produtos para consumo através das redes sociais e, ao aumentarem seu alcance para além da influência da Igreja, essas mulheres assumem um importante papel na formação de identidade de seus seguidores, penetrando as estruturas de poder, de forma que passam a ocupar espaços de poder que não estão disponíveis para elas dentro da estrutura tradicional da Igreja, portanto, ainda que à serviço da igreja, as redes sociais proporcionam esse espaço de poder e de visibilidade que não estão disponíveis dentro da estrutura tradicional da instituição. Mais do que isso, elas se tornam ferramentas importantes de divulgação dos ideais cristãos para além das paredes da Igreja, fazendo com que este fenômeno seja também discursivo e ideológico.

Esse poder está, não apenas no grande alcance e potencial de fazer circular essas mensagens, mas também à medida em que o consumo simbólico deste conteúdo, que forma identidades, se transforma também em uma forma de linguagem, que, por sua vez, é repleta de poder, por classificar e poder determinar quem tem acesso a determinados espaços.

## Referências

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **A Família:** Proclamação ao Mundo. Salt Lake City, Utah, 1995. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/the-family-a-proclamation-to-the-world/the-family-a-proclamation-to-the-world?lang=por>. Acesso em 7 de junho de 2025.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **Progresso Pessoal.** Salt Lake City, Utah, 2009. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/manual/young-women-personal-progress/frontispiece?lang=eng>. Acesso em 07 de junho de 2025.

AGNEW, Megan. Meet the queen of the 'trad wives' and her eight children. **The Times**, 20 jul. 2024. Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50c-gk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16a Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BUTLER, Judith. Introdução. In: **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOTMAN, Yuri. Acerca de la semiosfera. In: LOTMAN, Yuri. **La Semiosfera**. vol. 1. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera II:** Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. vol 2. Madrid: Cátedra, 1998.

MASSIMINI, Adille. **Irmãs em Sião:** uma análise discursiva dos grupos feministas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e seus circuitos de comunicação e consumo. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo.

MATTHEIS, Ashley A. #TradCulture: Reproducing whiteness and neo-fascism through gendered discourse online. In: HUNTER, Shona; VAN DER WESTHUIZEN, Christi. **The Routledge Handbook of Critical Studies in Whiteness**. New York: Routledge, 2022.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. Acta Scientiarum. **Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 197-206, 28 jul. 2015.

MORGAN, Holly. 'Tradwives': The women looking back to the 1950s for a traditional role model. **CNN**, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/12/27/us/tradwife-1950s-nostalgia-tiktok-cec/index.html>. Acesso em 03 de junho de 2025.

PETREY, Taylor G. **Tabernacles of Clay**: Sexuality and Gender in Modern Mormonism. United States of America: The University of North Carolina Press, 2020.

SCOTT, Joan W. **Género e Historia**. México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

VEBLEN, Thorstein. **O Impacto Econômico da Classe Ociosa**. São Paulo: Faro Editorial, 2021.

Recebido em: 16 fev. 2026  
Aprovado em: 05 jun. 2026